

O MICRODESPOTISMO DA *LAVOURA ARCAICA* THE MICRODESPOTISM OF LAVOURA ARCAICA

Ramiro Giroldo¹

RESUMO: O trabalho se propõe a discutir relações entre o romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, e a implantação social do autoritarismo no Brasil, levando em conta a formação de despotismos em diversos níveis. Embasam primariamente a discussão proposições de Theodor W. Adorno em “Posição do Narrador Contemporâneo”, bem como de Paulo Sérgio Pinheiro em “Autoritarismo e Transição”.

PALAVRAS-CHAVE: *Lavoura arcaica*. Autoritarismo. Narrador. Literatura Brasileira Contemporânea.

1. Preliminares

Este texto tem como objeto *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar. Lida com relações entre *Lavoura arcaica* e o autoritarismo como o Brasil o conheceu. Além dos traços formais do objeto, deverão ser consideradas as particularidades da experiência histórica nacional, no caso a opressão promovida por regimes autoritários e o entranhamento de seus procedimentos nas mais diversas esferas sociais.

O texto se embasará primariamente em “Posição do narrador contemporâneo”, de Theodor W. Adorno. O ensaio lida com o impacto que um contexto de dolorosa apreensão pode provocar na narrativa que busque capturar-lhe a essência, oferecendo uma chave interpretativa de valia à discussão tanto da forma de *Lavoura arcaica*, cindida por indeterminações, quanto do conteúdo nela depositado, que remete à privação da liberdade de pensamento do indivíduo.

O ensaio de Adorno, escrito em um contexto sócio-histórico específico, precisa ser reavaliado quando de sua articulação com a literatura brasileira contemporânea. Ou seja, a crítica literária deve levar em consideração as especificidades da obra literária a ser discutida e, também, do contexto sócio histórico em cujo seio ela nasceu, evitando uma transposição plana de noções originárias de outros tempos e lugares.

A fim de mediar as proposições de Adorno na discussão de uma obra literária brasileira contemporânea, será de auxílio o ensaio “Memória da Ditadura Militar em Caio

¹ Doutorando em Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do Prof. Dr. Jaime Ginzburg. Email: r_giroldo@yahoo.com.br

Fernando Abreu e Luís Fernando Veríssimo”, de Jaime Ginzburg, que trata da relação entre a ditadura militar brasileira e dois textos literários, o conto “Os sobreviventes”, de Caio Fernando Abreu, e a crônica “Lixo”, de Luís Fernando Veríssimo. Este texto recorrerá à discussão de “modos de elaboração formal de referências à violência do período [da ditadura militar]” (GINZBURG, 2007, p. 43), promovida no ensaio, para melhor assentar o estudo das relações entre a forma e o conteúdo de *Lavoura arcaica*.

Quanto aos dados contextuais referentes à especificidade da experiência histórica brasileira, o texto “Autoritarismo e transição”, de Paulo Sérgio Pinheiro, merecerá relevo. Para o autor, a transição do regime ditatorial para o democrático não pôde ser plenamente concretizada porque o autoritarismo se implantou socialmente, assim remanescendo. Os mecanismos e as consequências de tal implantação, conforme apresentados por Pinheiro, serão de particular interesse na abordagem da opressão que o protagonista de *Lavoura arcaica* sofre no ambiente familiar.

Se, conforme propõe Theodor W. Adorno, “[o] êxito estético depende essencialmente de se o formado é capaz de despertar o conteúdo depositado na forma” (ADORNO, 2006, p. 161), é pertinente evitar um manejo plano e direto dos dados contextuais, sob pena de ignorar as características e os valores próprios ao objeto literário. Neste texto, cabe articular a forma de *Lavoura arcaica* aos dados contextuais, ao invés de buscar reflexos destes naquela.

2. O microdespotismo da *Lavoura arcaica*

Lavoura arcaica narra o retorno do protagonista André a sua desestabilizada família, no meio rural. Sua fuga se configura como um ato transgressor, já que, fora do ambiente familiar, André estaria exposto ao que seu pai se referia como “mundo das paixões”. O trecho que segue mostra como tudo o que fugia aos limites da lavoura era encarado como conspirado, maligno:

o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame de nossas cercas, e com as farpas de tantas fiadas tecer um crivo estreito, e sobre este crivo emaranhar uma sebe viva, cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa, que cubra e esconda dos nossos olhos as trevas que ardem do nosso lado; e nenhum de nós há de transgredir esta divisa, nenhum de nós há de estender sobre ela sequer a vista (NASSAR, 2002, p. 56).

Não se trata de uma delimitação de fronteiras meramente geográfica. Fora da lavoura, seria possível travar contato com percepções alheias àquelas impostas pela figura paterna, algo nocivo à manutenção de uma circunstância que se pretende estanque. Arcaica, a lavoura paterna é hostil ao movimento.

Segundo o irmão que, crente nas palavras do pai, foi enviado para trazer de volta o protagonista,

o horizonte da vida não era tão largo quanto parecia, não passando de ilusão, no meu caso, a felicidade que eu pudesse ter vislumbrado para além das divisas do pai; evitando conhecer os motivos ímpios da minha fuga (embora sugerindo discretamente que meus passos fossem um mau exemplo pro Lula, o caçula, cujos olhos sempre estiveram mais perto de mim), meu irmão pôs um sopro quente na sua prece pra me lembrar que havia mais força no perdão do que na ofensa e mais força no reparo do que no erro (NASSAR, 2002, p. 24).

O motivo “ímpio” de sua partida é relatado a princípio de forma enevoadá, repleta de elipses e indeterminações quanto à cronologia dos eventos. Abandonara a propriedade do pai temeroso com as consequências da paixão que sentia pela sua irmã, Ana. É o que, no trecho que segue, André confessa a seu irmão Pedro:

“Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome”, explodi de repente num momento alto, expelindo num só jato violento meu carnegão maduro e pestilento, “era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos, gritei de boca escancarada” (NASSAR, 2002, p. 109).

O interesse amoroso incestuoso expõe a inadequação do protagonista a uma circunstância que seria seu destino perpetuar, imposta por uma autoridade, por assim dizer, castradora. A lavoura² regida pelo pai, arcaica e até então inerte, fora ferida pela partida de André.

Quando retorna, André encontra o caçula descontente com a vida na lavoura, prestes a tomá-lo como exemplo e escapar da influência paterna. É possível dizer que o ato transgressor do protagonista ajudou a desvelar a opressão do pai, desestruturando a configuração arcaica e apontando um aparente caminho para dela escapar. Nas palavras do caçula, “Só foi você partir, André, e eu já vivia empoleirado lá na porteira, sonhando com estradas, esticando os olhos até onde podia, era só na sua aventura que eu pensava...” (NASSAR, 2002, p. 180). A

² “Lavoura”, no texto de Nassar, remete à própria estrutura familiar em cujo seio André cresceu, sempre pensada em termos estritamente utilitários pela figura patriarcal.

fuga, contudo, não pode se concretizar plenamente, posto que a influência dos preceitos opressores não se desvanece, para André, com o distanciamento geográfico:

Desde minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! tinha textura minha raiva!) que eu, a cada passo, me distanciava lá da fazenda, e se acaso distraído eu perguntasse “para onde estamos indo?” – não importava que eu, erguendo os olhos, alcançasse paisagens muito novas, quem sabe menos ásperas, não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir claramente de meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso, desprovido de qualquer dúvida: “estamos sempre indo para casa!” (NASSAR, 2002, p. 35-36).

Com o retorno de André, o motivo de sua fuga é exposto e a “lavoura arcaica”, já de precária sustentação, acaba por desmoronar pelas mãos do próprio patriarca. Diante da desobediência, o pai substitui a violência dos sermões castradores pela violência física. Matando Ana, põe a claro as limitações da lavoura e nega aos familiares o que se esperaria de sua figura: a proteção, a segurança e mesmo o caráter agregador que à força fora imposto.

No intuito de melhor delimitar questões suscitadas por *Lavoura arcaica*, a figura patriarcal, despótica, pode ser discutida por meio de percepções apresentadas por Paulo Sérgio Pinheiro. De acordo com o autor, no ensaio “Autoritarismo e transição”,

para se compreender os percursos através dos quais o autoritarismo socialmente implantado é engendrado [...] e se reproduz, é essencial reconstituir a rede de microdespotismos nos mais variados contextos sociais: violência familiar, discriminação racial, violência contra a mulher e a criança, linchamentos (PINHEIRO, 1991, p. 56).

Assim, a sociedade brasileira seria dependente dos sistemas hierárquicos instituídos pelas classes dominantes, reproduzindo-os com regularidade em diversas instâncias. Levando-se em conta tal proposição, é possível discutir a dimensão histórica representada pelo “microdespotismo” do pai, em *Lavoura arcaica*, relacionando-o à ditadura militar contemporânea à escrita da obra e aos procedimentos autoritários que se entranham em diversas camadas na constituição social brasileira. Uma vez assinalada a simetria entre a autoridade patriarcal configurada no romance e a do governo autoritário contemporâneo à escritura, observa-se a constituição de um olhar crítico acerca da implantação social do autoritarismo. De acordo com tal olhar, preceitos que procuram barrar a liberdade de pensamento, tanto na instância macro quanto na micro, apenas trariam a ruína aos envolvidos.

O microdespotismo imposto pelo pai, assinalemos, é simétrico ao despotismo imposto pelo regime militar. Ambos têm como procedimento o cerceamento do direito de ir e vir e da própria opção de refletir criticamente sobre a realidade, e ambos têm efeitos igualmente nocivos aos indivíduos.

Se o microdespotismo de *Lavoura arcaica* e o despotismo governamental se equiparam quanto aos procedimentos e aos efeitos, é possível ler na crítica ao autoritarismo socialmente implantado uma representação, por meio da figura paterna, do governo militar. Nesse sentido, a consciência ferida do protagonista, depositada na própria forma do romance e nela refletida, passa a ser interpretada como uma representação da vítima do autoritarismo como o Brasil o conheceu.

Para prosseguir, são necessários alguns apontamentos acerca da constituição formal de *Lavoura arcaica*. O romance é dividido em duas partes: “A partida” e “O retorno”. A primeira parte, com poucos pontos finais, possui capítulos constituídos por parágrafos únicos; já os capítulos da segunda, onde o ambiente se impõe opressor ao protagonista, possuem parágrafos mas também são econômicos com sinais de pontuação que não a vírgula. Esta, que em dados momentos substitui o ponto final, cadencia o texto no ritmo interior de André. Trata-se da tateante forma de compreender a opressão patriarcal sofrida pelo protagonista. Marcados por esta são ele e sua narração, cindida por indeterminações.

Graficamente atípico é o momento em que a inescapável tragédia se consolida e Ana é morta pelas mãos de seu pai. Instaura-se o trauma de descobrir por fim que a autoridade que deveria amparar, oferecendo segurança e estabilidade, é intrinsecamente nociva – circunstância que encontra seu símile na violência perpetrada pelo regime militar. A cadência até então instituída é radicalmente quebrada, como se a narrativa mal fosse capaz de abordar o evento traumático que a atinge:

	Pai!	
		e de outra voz, um uivo cavernoso, cheio
de desespero		
	Pai!	
		e de todos os lados, de Rosa, de Zuleika e
de Huda, o mesmo gemido desamparado		
	Pai!	
		eram balidos estrangulados
	Pai! Pai!	
		onde a nossa segurança? onde a nossa
proteção?		
	Pai!	
		e de Pedro, prosternado na terra
	Pai!	

transornada, rolando no chão e vi Lula, essa criança tão cedo
Pai! Pai!
onde a união da família?
Pai!
e vi a mãe, perdida no seu juízo,
arrancando punhados de cabelo, descobrindo grotescamente as coxas, expondo as
cordas roxas das varizes, batendo a pedra do punho contra o peito (NASSAR, 2002,
p. 193-194).

A narrativa chega, nesse momento, à própria impossibilidade de narrar. André só pode dar a conhecer o inenarrável evento traumático expondo a própria dificuldade em articulá-lo racionalmente. Mesmo a disposição em parágrafos é abandonada em favor de uma exposição elíptica e entrecortada, como se o caráter acentuadamente trágico do que André tenta narrar superasse sua capacidade de compreensão.

De acordo com Jaime Ginzburg, conforme exposto no ensaio “Memória da Ditadura Militar em Caio Fernando Abreu e Luís Fernando Veríssimo”,

A abordagem trágica é congruente com uma percepção negativa do Brasil, e com uma elaboração da narrativa a partir do ponto de vista de um sujeito que, vítima do colapso resultante da violência extrema e da repressão disciplinar, não consegue atribuir sentido à própria existência (GINZBURG, 2007, p. 50).

A tragicidade de *Lavoura arcaica* se salienta por meio da constituição do narrador, ele próprio a vítima. O romance e a própria constituição formal da narrativa acompanham sua dificuldade em compreender e articular uma vivência dolorosa – sua própria existência lhe parece carecer de sentido.

Ainda de acordo com Ginzburg, “[a] escolha por uma concepção tradicional de mimese implica uma organização formal do material a ser exposto. Ele deve estar unificado, articulado em tempo e espaço, de modo a permitir sua inteligibilidade” (GINZBURG, 2007, p. 52). Dessa forma, a opção por um registro que escapa à representação tradicional remeteria à exposição de um material que ainda não foi plenamente compreendido. É o caso de André, que narra elíptica e indeterminadamente por não parecer capaz de articular o que o oprime.

Narrar, para André, é um enfrentamento de seus próprios traumas, numa tentativa de organizá-los coerentemente e, quem sabe, superá-los. Tentativa frustrada: a narração do momento mais doloroso, o assassinato de Ana pelas mãos do próprio pai, sinaliza em suas indeterminações que o trauma não foi superado ou sequer defrontado com clareza. Em outras palavras, a narrativa não se mostra capaz de exorcizar os males de André – o que apenas acentua o caráter trágico do romance.

Segundo Theodor W. Adorno, no ensaio “Posição do narrador contemporâneo”,

quanto mais densa e cerradamente se fecha a superfície do processo social da vida, tanto mais hermeticamente esta encobre a essência como véu. Se o romance quiser permanecer fiel à sua herança realista e dizer como realmente as coisas são, então ele precisa renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada, apenas a auxilia na produção do engodo” (ADORNO, 2003, p. 57).

A proposição possui um cunho valorativo. Para Adorno, lembremos, o êxito estético depende da forma ser capaz de despertar o conteúdo nela depositado. O impacto de uma realidade que não se permite abordar deveria atingir não apenas o conteúdo, mas a própria forma do texto literário. Lidar com uma realidade impactante sem que a forma seja por ela atingida significaria falha na articulação literária entre forma e conteúdo.

A fim de abordar de forma pungente uma realidade que não se permite narrar, *Lavoura arcaica* abdica do “realismo de fachada” a que Adorno se refere. As elipses da narrativa, os avanços e retornos no tempo, o encadeamento contínuo de percepções do narrador por meio da substituição do ponto final pela vírgula e, por fim, a disposição gráfica do momento em que a tragédia se consuma levam a uma ênfase na laceração da consciência da vítima, acentuando a incompreensão desta frente ao que a oprime. Trata-se de uma narrativa que paradoxalmente põe em cena o inenarrável.

3. Considerações finais

Cabe observar que a fuga de uma concepção tradicional de mimese não deve ser tomada como exclusiva de textos literários que lidam com o impacto da repressão e da violência no indivíduo e na sociedade. Experimentações com a forma narrativa no intuito de procurar novos caminhos expressivos são verificáveis em manifestações literárias as mais diversas. Como observa Jaime Ginzburg, no ensaio “Literatura Brasileira: autoritarismo, violência, melancolia”, “em vários casos, a ruptura com o realismo pode ter intenção experimental, ou mesmo lúdica, sendo tomada como fato estético relevante, mas sem consistir em uma literatura vinculada ao trauma” (GINZBURG, 2003, p. 5).

Na literatura brasileira, são numerosos os textos que não buscam marcadamente a expressão de uma realidade violenta de difícil abordagem e que, ainda assim, escapam da representação mimética tradicional. *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, é um exemplo possível: fragmentado, é composto de diversos segmentos que, lidos independentemente, preservam seu sentido. Nessa obra, a opção pela não-linearidade remete à lembrança, fragmentária e desordenada, dos instantes de uma vida. Outro exemplo, este mais

recente, é a obra *É gol*, de Ignácio de Loyola Brandão e ilustrada por Vallandro Keating, que escapa de uma representação tradicional a fim de reproduzir a dinâmica de um espetáculo futebolístico, aí incluídos os jogadores, os locutores, os repórteres e o público.

As proposições de Adorno se mostram de valia à discussão de textos literários que confrontam a violência de uma realidade opressora e que expõem, tanto formalmente quanto no plano do conteúdo, as cicatrizes deixadas por esse confronto. Ou seja, textos literários que, em seu manejo ficcional de tópicos como violência e autoritarismo, deixam a forma despertar o conteúdo nela depositado.

Quanto a exemplos como os citados acima, a fuga de uma concepção mimética tradicional se dá por outra via; ainda que a forma seja analogamente cambiante, o conteúdo nela depositado diverge. A aplicação das proposições de Adorno em “Posição do narrador contemporâneo” deve ser ponderada com cuidado, assim, a fim de respeitar as especificidades de cada obra.

Portanto, é pertinente não tomar como pressuposto uma relação indissociável entre a narrativa que escapa da mimese como esta é tradicionalmente concebida e a transfiguração ficcional de uma realidade difícil de abordar e compreender. A crítica que o fizer corre o risco de promover artificialmente uma homogeneização de manifestações literárias que, na verdade, buscam efeitos distintos ou, até, divergentes.

ABSTRACT: The paper intends to discuss relations between Raduan Nassar’s novel *Lavoura arcaica*, and the social implantation of the authoritarianism in Brazil, taking into account the forming of despotism in several levels. The discussion is mainly founded on Theodor W. Adorno’s propositions in “The Position of the Narrator in the Contemporary Novel”, and in Paulo Sérgio Pinheiro’s “Autoritarismo e transição” (“Authoritarianism and Transition”).

KEYWORDS: *Lavoura arcaica*. Authoritarianism. Narrator. Contemporary Brazillian Literature.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.

_____. *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70, 2006.

ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Livraria José Olímpio Editora, 1973.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola; KEATING, Vallandro. *É gol*. São Paulo: Palavra e Imagem, 1982.

GINZBURG, Jaime. Memória da ditadura em Caio Fernando Abreu e Luís Fernando Veríssimo. *O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte, UFMG, v. 15, 2007.

_____. Literatura Brasileira: autoritarismo, violência, melancolia. *Revista de Letras*, São Paulo: 43 (1): 57-70, jan-jun 2003.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Autoritarismo e transição. *Revista USP*, São Paulo, USP. n. 9, 1991.